

25

A dor de cabeça

Sérgio Murilo chegou em casa, depois do baile carnavalesco.

Excitado.

Tomou o pijama e caminhou para o banheiro.

Chovia...

A garoa fria entrava pelo basculante aberto. Trancou-se.

Queria água quente e acendeu o gás.

Enquanto esperava mais calor, tomou o lança-perfume e passou a sonhar, sonhar...

Sim, era casada...

Confessara que tinha o esposo e dois filhinhos, mas beijara-o loucamente, freneticamente.

Levara-a de carro até à residência e, no dia seguinte, terça-feira gorda, seria o encontro real.

Zélia! E a jovem senhora fantasiada encheu-lhe a imaginação...

— Amanhã, amanhã!... — dizia baixinho, aspirando o éter.

Nisso, lembrou Sônia, a outra.

Sim, era casada igualmente.

Recordava-se!

Quando lhe dissera que não podia continuar, ela havia ficado em desespero.

E ingerira formicida em alta dose.

Quem poderia acreditar?

Todos diziam que Sônia tinha outros.

Outros e o marido... Leandro, o corredor. Revia, agora, Leandro em pensamento...

O infeliz marido de Sônia enlouquecera, após a morte dela, e sofrera um colapso quando em tratamento, no hospício.

Leandro... e sorriu, a sós...

A mãeinha de Sérgio, senhora espírita, que não lhe conhecia as aventuras, dissera-lhe, certa vez: "meu filho, não sei o que se passa, mas soube que você está sendo seguido por um homem desencarnado em atitudes vingadoras... soube disso, em sessão, através do nosso benfeitor espiritual, quando perguntei por sua dor de cabeça... nada mais soube senão que se chama Leandro... Penso tratar-me de algum inimigo de outras existências!"

— Pobre mãe! — pensava Sérgio — "outras existências", boa saída! Certamente o médium conhecia-lhe o caso e enganava a pobre velha.

Isso fora no ano passado.

Leandro estava morto, coberto de terra.
A realidade era só isso.

E a realidade, agora, não era Sônia, mas
Zélia...

— "Amanhã", repetia enlevado.

Mas voltava a imagem de Leandro...
Porque pensar em Leandro, quando queria
Zélia?

Buscava Zélia, tentava reter a figura de
Zélia, esperava Zélia, mas o reflexo de Leandro
crescia sempre...

Parecia tê-lo perto, segurando-lhe a bis-
naga ao pé do nariz... Coisa estranha!...

Enorme lassidão passou a invadir-lhe o
corpo.

Lembrou-se do gás, mas não se pôde
mexer.

Sim, via agora Leandro...

Leandro estava à frente dele e gargalhava.
Leandro, louco...
Estava morto ou vivo?

— Amanhã nem Sônia, nem Zélia... Você
estará comigo! comigo!... — gritava-lhe a
sombra...

Na manhã seguinte, falava-se em suicídio
na vizinhança.

E, ao choro de uma velhinha, grande ra-
beção removeu um cadáver para o necrotério.

Ao pé do ouvido

Batuira, o apóstolo do Espiritismo na ca-
pital paulista, instalara o seu grupo de estudo
e caridade na rua do Lavapés, quando numa
reunião social foi abordado pelo Dr. Cesário
Motta, grande médico e higienista, então Depu-
tado Federal, com residência no Rio.

Conversa vai, conversa vem, disse-lhe o
Dr. Cesário ao pé do ouvido:

— Você, meu amigo, precisa precaver-se.
Não sou espírita, mas admiro-lhe a sincerida-
de. E tenho ouvido lamentáveis opiniões a
seu respeito. Dizem por aí que você adota o
nome de médium para explorar a bolsa públi-
ca; que você está rico de tanto enganar in-
cautos e dizem também que você se isola com
mulheres, em gabinetes, para seduzi-las, em
nome da prece. Tudo calúnias, bem sei...

— E que sugere o senhor? — perguntou
o amigo, sereno.

— É importante que você se abstenha do
Espiritismo...